

Discurso midiático: o funcionamento dos efeitos de franqueza em um vídeo da jornalista Rachel Sheherazade

Media discourse: the functioning of frankness effects in a video by journalist Rachel Sheherazade

Aldenizia Moreira Guimaraes Lira

Universidade Federal do Tocantins (UFT)

aldenizia.guimaraes@mail.uft.edu.br

<https://orcid.org/0009-0002-8945-8925>

Damião Francisco Boucher

Universidade Federal do Tocantins (UFT)

boucherplace@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-2887-1302>

Thiago Barbosa Soares

Universidade Federal do Tocantins (UFT)

thiago.soares@mail.uft.edu.br

<https://orcid.org/0000-0003-2887-1302>

RESUMO

Este artigo objetiva examinar efeitos de franqueza nos discursos midiáticos. Especificamente, a franqueza enquanto ethos discursivo em um vídeo da jornalista Rachel Sheherazade. Assim, utiliza-se o referencial teórico-metodológico da Análise do Discurso, atrelando noções aparentemente distintas como ethos discursivo e formações imaginárias. Também se mobiliza o interdiscurso, processamento parafrástico e polissêmico como noções fulcrais para compreender o funcionamento da franqueza como efeitos de sentidos arquipotentes. O corpus analisado, consiste em um vídeo reproduzido em 3 de março de 2011 pela emissora de TV Tambaú, sediada em João Pessoa. Nesse contexto, examina-se, também, no discurso midiático da referida enunciativa, como os efeitos de franqueza são construídos a partir das memórias como materialidades simbólicas da historicidade. Ao final desse percurso, reflete-se acerca do funcionamento dos efeitos de franqueza bem como sua afetação no circuito social.

Palavras-chave: Credibilidade; Efeitos de franqueza; Mídia; Discurso midiático.

ABSTRACT

This article aims to examine the frankness effects in media discourses. Specifically, frankness as a discursive ethos in a video by journalist Rachel Sheherazade. Thus, the theoretical-methodological framework of Discourse Analysis is used, linking apparently distinct notions such as discursive ethos and imaginary formations. Interdiscourse, paraphrastic and polysemic processing are also mobilized as key notions to understand the functioning of frankness as effects of archipotent meanings. The corpus analyzed consists of a video broadcast on March 3, 2011 by the TV station Tambaú, based in João Pessoa. In this context, the media discourse of the aforementioned speaker is also examined to determine how the frankness effects are constructed from memories as symbolic materialities of historicity. At the end of this journey, the functioning of the frankness effects is reflected upon, as well as their impact on the social circuit.

Keywords: Credibility; Frankness effects; Media; Media discourse.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O jornalismo, sobretudo o jornalista, compreende um dos vários papéis, por muito tempo dito relevante, para o funcionamento da sociedade, sendo, portanto, uma atividade indispensável para a consolidação do planejamento democrático. Nos últimos anos, esse imaginário sobre o jornalista é posto em xeque, ação que conduz justamente a refletir sobre as imagens as quais sustentam o funcionamento social. A atuação jornalística, por exemplo, parece estimular a transparência pública e divulga os atos relacionados aos exercícios dos poderes (Rios; Bronosky, 2020). Dessa forma, é possível analisar o quanto o campo jornalístico se apresenta como relevante ao se tratar de comunicação, porquanto é através dessas práticas comunicacionais que os jornalistas são considerados e atribuídos a eles uma posição de porta-voz dos direitos humanos (Araújo, 1992).

Dessa maneira, o jornalismo, bem como seu papel social como o símbolo da liberdade de expressão e da difusão dos efeitos de franqueza, representa um campo que abre as portas para os demais direitos. Assim, a mídia e o jornalista tornam-se peças fundamentais para a difusão desses efeitos. Nesse sentido, como ressalta Soares (2022, p. 37), “desde muito tempo a mídia desempenha um grande papel na sociedade brasileira. Mais do que divertir e informar, a mídia gerencia os discursos circulantes ao ponto de se tornar uma espécie de reguladora dos discursos”. Na esteira da perspectiva na qual a mídia exerce poder e influência, questiona-se o papel do jornalista como o detentor da verdade,

e o coloca na posição de um projetor de imagens as quais sustentam o imaginário da sociedade e a mantêm em funcionamento.

Por essa razão, ao considerar o que Soares (2022) assevera, compreende-se que as instituições jornalísticas, responsáveis por mediar variados noticiários, objetivam não só informar e apresentar ao público notícias que ganham grande destaque no mundo, mas também impõem visões orientadas pela égide da informação e do entretenimento a partir de comentários noticiosos, isto é, opiniões forjadas em fragmentos de acontecimentos amplamente discursivizados. Por isso, utilizam-se de um prestígio midiático para convencer e legitimar-se nesse meio a partir da fabricação de efeitos de franqueza que afetam sujeitos e sentidos (Soares, 2018a, 2018b, 2022). Eles selecionam os conteúdos de grande relevância e visam alcançar um público específico, utilizando um discurso persuasivo para convencer o telespectador e criar uma aceitabilidade discursiva (Boucher; Soares, 2022).

Muitos desses profissionais se encontravam em uma classe social menos privilegiada, no entanto, alguns deles, com o decorrer do tempo, constroem uma carreira profissional bem-sucedida e estável por meio dos efeitos do sucesso midiático (Soares, 2018a, 2022) e, com a experiência, projetam uma imagem social ilibada, ganhando, assim, maior visibilidade no campo jornalístico. Essa imagem, ou melhor, o ethos que se é criado a partir do conglomerado de memórias fabricadas pela mídia, influencia a comunidade ouvinte ou telespectadora a partir da dinâmica de um intrincado imaginário o qual, constituído por esse ethos da franqueza, faz funcionar seus efeitos. Como resultado, o ethos da franqueza pode moldar a interpretação coletiva e individual dos sujeitos, desenvolvendo um papel ativo na construção e formação da opinião pública, na criação de identidades, na construção e reprodução de sentidos. De acordo com Soares (2022, p. 21), como a instituição midiática modifica gradativamente “a ordem econômica, social e cultural da humanidade, é razoável questionarmos quais as repercussões que a imprensa, o rádio, a televisão e a internet podem ter na organização dos discursos circulantes e na incorporação desses pelos sujeitos”.

Diante dessa perspectiva, pretende-se, neste artigo, analisar como é construído o ethos discursivo da franqueza por meio do comentário noticioso da jornalista Rachel Sheherazade, analisando a fabricação desses efeitos os quais sustentam a imagem da sinceridade e do sujeito franco a partir de formações imaginárias que colocam em constante manutenção o poder midiático por meio daquilo que se passa aos

telespectadores durante a apresentação dos telejornais nacionais. No intuito de alcançar o escopo dessa análise, o *corpus* a ser examinado consiste em um vídeo reproduzido em 3 de março de 2011 pela emissora de TV Tambaú, sediada em João Pessoa. Para atingir o objetivo inicialmente proposto, examina-se, além dos efeitos de sentidos, a posição discursiva do enunciador e seus deslocamentos, observando os efeitos da linguagem tanto em sua estabilização quanto em sua deriva semântica.

Na intenção de organizar didaticamente a argumentação desse percurso analítico, faz-se necessário, nas Considerações teórico-metodológicas, o recenseamento das noções de interdiscurso (e intradiscurso), com a aproximação de duas noções aparentemente distintas, a saber, ethos discursivo e formações imaginárias, mas que podem ser utilizadas no exame do corpus por se tratarem de noções que nascem de uma raiz teórico-metodológica de caráter materialista. Também se faz menção ao papel das memórias como materialidades simbólicas na construção do efeito de franqueza, tanto na estabilização (paráfrase) quanto na deriva de sentidos (polissemia) que ocorrem no campo intradiscursivo do comentário noticioso. Na seção Análise: os efeitos de franqueza no comentário noticioso da jornalista Rachel Sheherazade, examina-se, por meio do enunciado da referida jornalista, o funcionamento discursivo do que está visível, mas também dos elementos semânticos imperceptíveis na materialidade enunciativa, ou seja, os efeitos constitutivos das memórias emergindo na intradiscursividade, observando o silêncio constitutivo (Orlandi, 2007) associado ao dito. Ao final, na seção Considerações finais, passa-se a ponderar e refletir as prováveis contribuições do estudo da construção da franqueza em discursos midiáticos e das possíveis implicações que esse esclarecimento pode provocar no avanço de uma educação midiática, ou mais especificamente, de um letramento midiático, não somente como “a capacidade de acessar, analisar, avaliar e criar mensagens em várias formas” (Livingstone, 2004, p. 5), mas também como a competência de promover uma leitura verticalizada e menos ingênua (Soares, no prelo), ao compreender que o sucesso midiático como força arregimentadora dos efeitos de verdade (Soares, 2018a, 2018b, 2022), recobre o ethos discursivo de sujeitos jornalista, transformando-os em “porta-vozes da verdade”.

CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Ao iniciar esse percurso explanatório, objetiva-se compreender as noções de discurso, interdiscurso (Courtine, 2014), processamento parafrástico e polissêmico, ethos

discursivo, de formações imaginárias, bem como outras noções fundamentais para a apreensão do funcionamento discursivo. Nesse sentido, para Pêcheux (1997, p. 82), o discurso não é apenas a transmissão de informações, mas “efeito de sentidos entre os pontos A e B”. A partir dessa definição é possível dizer que o discurso é conduzido por uma historicidade contínua, complexa e dinâmica, mas que possui suas rupturas, suas próprias características representativas de ideias, crenças, valores e visões de mundo, não sendo, assim, algo estático e imutável. Na sua definição, pode ser citado que o discurso é uma construção que possui as suas próprias características apresentadas a um fenômeno em constante evolução, no qual o seu processo é contínuo em produção de sentidos. Segundo Pêcheux (1997, p. 104-105) “um discurso não apresenta, na sua materialidade textual, uma unidade orgânica em um só nível, que só poderia colocar em evidência a partir do próprio discurso, mas que toda forma discursiva particular remete necessariamente à série de formas possíveis [...]”, sendo essas superfícies justapostas os indícios do processo de produção dominante o qual arquiteta o discurso sob análise.

Desse trecho, entende-se que o discurso é vertical em relação ao que se apresenta no campo da formulação enunciativa, pressupondo uma continuidade, uma regularidade histórica, apesar de certas rupturas causadas pelas condições de emergência desses discursos. De acordo com Soares (2018b), é no discurso que se encontram os sentidos de cada história, sua composição hegemônica, mas também a resistência de sua contraparte, de sua formação ideológica antagônica. De outro modo, cada discurso está em oposição a uma formação discursiva antagônica (Courtine, 2014), isto é, a um conjunto de dizeres (socialmente orientados) que determinam o que o sujeito pode ou deve dizer na interação (Pêcheux, 1997). Portanto, diversas interpretações podem ser empreendidas em torno do texto, pois as produções de sentidos se alteram conforme as posições (ideológicas) sustentadas por aqueles que as empregam (Pêcheux, 2011).

Dessa forma, a Análise do Discurso visa compreender como os sentidos são produzidos, como o discurso funciona na produção de sentidos, produzido e modificado em contextos diferentes, materializando-se a partir da língua como um sistema semiautônomo e não transparente. Ou seja, a Análise do Discurso propõe questionar e problematizar não a verdade, mas como os efeitos de franqueza constroem os sentidos do “dizer verdadeiro” em variados campos da vida humana. Assim sendo, as posições discursivas nos permitem traçar uma imagem associada ao sujeito responsável pelos processos discursivos imediatos, como é caso da jornalista Rachel Sheherazade, que pode

resultar numa deriva de sentido, de acordo com as posições defendidas pelos que falam através dos processos parafrásticos (estabilização) e polissêmico (deslocamento), que são dinâmicas naturais da língua na comunicação (Soares, 2018b).

Para Pêcheux (2011, apud Soares, 2018b) o discurso não é a língua, não é a história, mas são os efeitos de sentidos trabalhando no entremeio de uma estrutura (língua) e do acontecimento (história). No entanto, sujeitos esquecem que os discursos permeiam a sociedade sem um começo específico, nem um fim. Eles apontam para o outro na historicidade em uma relação de sentido na qual um pode ser a resposta do outro (Orlandi, 2015). Com isso, o sujeito se coloca em uma posição discursiva do uso social da língua como estratégia de persuasão, uma vez que o discurso é constituído pela língua, a história e o sujeito. Além disso, existem outros pressupostos relevantes para a compreensão da imagem de um sujeito, do ethos discursivo de um enunciador que está envolvido na elaboração das notícias ou do entretenimento cultural da mídia (Charaudeau, 2011). Para Charaudeau (2011), respeitando as diferenças entre sua vertente teórica e considerando suas aproximações com aspectos da Análise do Discurso, o ethos discursivo é definido como uma imagem a qual é projetada por meio do discurso, reproduzindo uma mensagem para o interlocutor em relação à parte do que ele diz. Dada a classificação de Charaudeau (2011):

O ethos relaciona-se ao cruzamento de olhares: o olhar do outro sobre aquele que fala, olhar daquele que fala sobre a maneira como ele pensa que o outro o vê. Ora, para construir a imagem do sujeito que fala, esse outro se apoia, ao mesmo tempo, nos dados preexistentes ao discurso — o que ele sabe a prioridade do locutor — e nos dados trazidos pelo próprio ato da linguagem (Charaudeau, 2011, p. 111).

A partir do trecho acima, ressalta-se a relevância de situar “os dados” como efeitos ideológicos trazidos pelo ato enunciativo. De acordo com Charaudeau (2011), o ethos é uma construção coletiva que se baseia em uma junção de diversos significados a partir da alteridade. Portanto, sendo uma construção coletiva, a constituição do ethos é de caráter essencialmente materialista, uma vez que a língua, o sujeito e a história estejam indissociáveis do processo de construção, nesse jogo de espelhos. Na mesma linha epistemológica, Maingueneau (2004) diz que o indivíduo é percebido pelo olhar do outro, ou seja, pela identidade e personalidade psicológica e social que lhe são atribuídas, e, portanto, corrobora o caráter material das subjetividades. Essa imagem é construída conforme a sua posição social e pode ser usada para persuadir outras pessoas.

Maingueneau (2004) interpreta o *ethos* ligado ao ato de enunciação, podendo ser definido por meio de interpretação, pactuada pelo público antes mesmo de iniciar a sua fala. Dessa forma, o enunciador é responsável pela criação do *ethos* em conjunto com os participantes do discurso e suas respectivas origens históricas e culturais.

Na construção dessas considerações teóricas, apesar de dialogar com autores como Charaudeau e Maingueneau que pensam o funcionamento do sujeito, do discurso e da ideologia de forma distinta do que pensam Pêcheux e Foucault, pode-se afirmar que, assim como há o distanciamento epistemológico, também há aproximações que permitem considerar esses “distanciamentos” não como uma negação irracional do legado de Pêcheux e Foucault, mas como tentativa de refinamento, de tornar essas noções, como quer Maingueneau (2008), menos grosseiras e vagas. Como exemplo de aproximação de Maingueneau ao legado materialista da Análise do Discurso, tem-se a substituição do interdiscurso “por uma tríade: universo discursivo, campo discursivo, espaço discursivo” (Maingueneau, 2008, p. 33). Após essas considerações de caráter epistemológico, as quais revisitam as origens das teorizações de Maingueneau acerca daquilo que constituem os sentidos e a imagem dos sujeitos no campo da formulação enunciativa, compreende-se que apesar do distanciamento entre teorizações como formações imaginárias e *ethos* discursivo, é possível empreendê-las não de forma contígua, mas de modo que ambas consigam perfazer seus objetivos de forma mais acurada.

Pêcheux (1997), por exemplo, denomina de formações imaginárias, projeções que derivam dessas relações sociais (das relações de força e poder) que são construídas coletivamente pelo (des)contínuo da história, a partir de camadas de acontecimentos discursivos (interdiscurso) (Courtine, 2014), os quais recursivamente emergem na atualidade (intradiscurso), por meio dos efeitos de sentidos trazidos pelas memórias (Achard, 2015). Sobre essa relação entre *ethos* discursivos e formações imaginárias, Soares (2023, p. 45, tradução nossa) destaca que a Análise do Discurso “possui vertentes e novas tendências que lhe conferem tanto uma elevada variabilidade de possíveis objetos de exame quanto uma reestruturação de seus instrumentos operacionais de análise, como é o caso da formação imaginária e do *ethos* discursivo”.¹ Essas duas noções viabilizam a apreensão do funcionamento dos efeitos de franqueza tanto como parte da construção

¹ Trecho original: has strands and new trends that give it both a high variability of possible objects of examination and a restructuring of its operational instruments of analysis, as is the case of the imaginary formation and the discursive *ethos*.

da imagem do sujeito enunciador, quanto como materialidade capaz de pôr em manutenção a credibilidade e a crença de que os suportes midiáticos se pautam pela verdade e pela neutralidade para difundir suas notícias, dentro de espaço de espetáculo midiático o qual é denominado por Maingueneau (1997) de cenografia.

Assim, “a cenografia de uma formação discursiva” (Maingueneau, 1997, p. 42) é o estudo dos traços individuais e concretos de um discurso, o que implica na determinação da identidade dos interlocutores do processo enunciativo, que estão alocados em uma dada posição e em um determinado momento histórico, isto é, em dadas condições de produção desse discurso (Pêcheux, 1997). Dessa forma, a cenografia é uma característica individual e concreta de um discurso, sendo um fator determinante para o ethos através do qual os gêneros se relacionam, captando um momento e um lugar enunciativo específicos os quais dão origem ao discurso, ou seja, a cena a partir da qual o discurso surge.

Com o ethos de credibilidade, o orador ou escritor busca persuadir um grupo específico de pessoas através do seu discurso, às vezes de forma explícita, a partir de vocativos, às vezes de forma velada. Para a construção desse perfil, é fundamental que sejam transmitidas três imagens: a franqueza, a qual exige que o orador transmita sua vontade de verdade; a condição de performance, a qual anuncia as decisões, sendo feita por meio de promessas, obrigando a cumprir o prometido; e a eficácia, crucial para persuadir e influenciar o público (Charaudeau, 2011), traduzindo, assim, nas três máximas da credibilidade, a saber, “legitimidade, autoridade e potência” (Charaudeau, 2016, p. 13-16).

Desse ponto, cabe ressaltar que, apesar dessas máximas de Charaudeau (2011), estarem situadas no campo da pragmática, considera-se na análise seu caráter discursivo (sujeito, história e língua), uma vez que tanto o campo pragmático quanto o campo discursivo consideram os contextos, ou melhor, as condições de produção dessa legitimidade, dessa autoridade e dessa potência, elementos essenciais na constituição de sentidos. Dessa forma, quando um orador ou autor produz esses efeitos de sentidos, as pessoas tendem a depositar mais confiança em suas afirmações. Ou seja, a imagem, isto é, o ethos discursivo é construído por meio de uma combinação de fatores, tais como o conhecimento do assunto, o qual confere ao sujeito uma posição discursiva de autoridade, legitimidade e de potencialidade do dizer (Charaudeau, 2016), o qual, esse conjunto de imagens, através da historicidade se retroalimenta sustentando projeções desse sujeito como o agente da franqueza, o detentor da verdade, entre outras.

Ademais, a experiência profissional, a ética pessoal e a linguagem utilizada, destinada ao enunciatário, também fazem parte dessa formação imaginária sobre o sujeito enunciador, isto é, das projeções que derivam da interação comunicativa. Conforme o apresentado, é possível notar que os conceitos de *ethos* e *cenografia* em questão são elementos discursivos que, por meio de suas características, permitem a especificação de fatores (Maingueneau, 1997), fornecendo subsídios para a descrição de uma construção discursiva a qual reverbera os efeitos de sentido e projetam o *ethos* do sujeito que, na análise em questão, constitui-se o *ethos* da franqueza. Esse *ethos*, em parte, é construído por um conjunto de dizeres, por restrições e regularidades enunciativas pertencentes a um campo discursivo (Maingueneau, 2008), delimitado por formações ideológicas.

A respeito das implicações ideológicas, a formação ideológica, segundo Pêcheux (2011) é um processo pelo qual o indivíduo adquire e aprimora suas crenças, valores e princípios de mundo. Essas formações, em geral, contemplam um conjunto de ideais que constituem a parte cultural e social dos sujeitos, assim como se materializam em diversas formações discursivas, as quais, como já mencionadas, determinam “o que pode e que deve ser dito [...] a partir de um posicionamento social” (Pêcheux, 2011, p. 73). A formação ideológica é então indispensável para a identificação e interpretação do sujeito em relação ao mundo. Dessa forma, a formação ideológica ou formação social surge sempre como posições discursivas.

Desse trecho supracitado, entende-se, de maneira mais específica, o funcionamento das posições discursivas que o sujeito pode tomar no momento da construção de seus argumentos, como se este fosse atravessado por várias vozes dentro de seu enunciado (Maingueneau, 1997). Dessa forma, como assevera Soares (2018b), a condição de produção da análise do discurso é marcada pela relação entre sujeito, língua e historicidade. Por essa razão, o discurso é considerado um efeito de sentido entre interlocutores (Pêcheux, 1997), no encontro entre as diversas formações ideológicas que podem constituir o sujeito. A partir dessas considerações, desmistifica-se a frágil ilusão da incompatibilidade teórica entre caminhos pragmáticos, semióticos e discursivos e abra-se a possibilidade de ao menos uma tentativa de interseção de campos considerados distintos para uma análise mais acurada, porquanto entende-se, como Soares (2023, p. 50, tradução nossa), que “diante dessa reconsideração tanto da formação imaginária quanto do *ethos* discursivo, eis a oportunidade de comparar, ou pelo menos de fazer

aproximações e distanciamentos qualificados, com tais noções”². Após esse recenseamento do instrumental teórico-metodológico, passa-se à seção de análise.

ANÁLISE: OS EFEITOS DE FRANQUEZA NO COMENTÁRIO NOTICIOSO DA JORNALISTA RACHEL SHEHERAZADE

Com o intuito de alcançar o escopo inicial, faz-se necessária a exposição da organização didática. O enunciado de Rachel Sheherazade será dividido em duas Sequências Discursivas (doravante SD) para uma melhor organização da análise. Inicialmente traça-se o perfil profissional do sujeito enunciator. Logo após, serão descritos os elementos constitutivos do comentário noticioso de Rachel Sheherazade a partir do movimento interdiscursivo, o qual rastreará tanto as memórias simbólicas quanto as regularidades dos jogos semânticos empreendidos pela enunciatrice para a projeção de seu ethos discursivo. Após essa dinâmica interdiscursiva, serão também tracejados os efeitos de sentidos que recobrem e constituem a imagem que a jornalista faz de si e dos outros, bem como cada posição discursiva tomada por ela em sua enunciação. Feitas essas considerações, passa-se à análise.

Nesse momento, passa-se a uma breve descrição das condições de produção na qual o sujeito enunciator Rachel Sheherazade expõe sua opinião. A escolha de analisar o discurso engendrado no comentário noticioso da jornalista, deu-se pela visibilidade e estabilidade adquiridas durante sua trajetória profissional. A difusão do discurso a ser analisado resultou, em boa medida, em sua popularidade nas mídias sociais desde 2011, tornando-a, segundo a própria mídia, uma das maiores apresentadoras de telejornais no Brasil e alocando-a na posição de sujeito de sucesso (Soares, 2018a), ou seja, interpelada pela própria mídia como aquela com atributos de alto prestígio moral e financeiro. Em 2011, Rachel Sheherazade, utilizando-se de horário nobre da televisão brasileira sobre os acontecimentos globais, alinha seu discurso a uma posição ideológica mais conservadora para criticar a festa de Carnaval, reproduzindo assim sua argumentação pautada em sua credibilidade e fazendo funcionar os efeitos de franqueza.

Assim, em seu funcionamento midiático, a sinceridade passa a ser, no meio midiático um efeito de sentido desejável e relevante para a construção das imagens tanto do enunciator quanto da plataforma de difusão da notícia. Assim, o efeito de franqueza o

² Trecho original: the reconsideration of both the imaginary formation and the discursive ethos, here is the opportunity to compare, or at least to make qualified approximations and distances, such notions.

qual produz o valor de verdade passa a ser “uma construção explicativa elaborada com a ajuda de uma instrumentação científica” (Charaudeau, 2013, p. 49). Esses efeitos de franqueza em comentários noticiosos como os da Jornalista Rachel Sheherazade aprofunda o imaginário de que a mídia sempre fala a verdade, já que há um profissional apto (academicamente preparado e formado) a expor o contexto político e social, em que é produzida a notícia. Assim, no jornalismo, é importante considerar muitos fatores como as condições de produção, de emergência e de circulação do discurso. Esses fatores fazem parte das intrincadas imagens (simbólicas) que “A” (jornalista) projeta para “B” (telespectadores). Nesse mesmo sentido, a empresa ou organização que o produz, o tempo de duração e principalmente as relações com as fontes de informação, entre outros elementos, também fazem parte das condições de emergência dos discursos (Pêcheux, 1997). Dessa maneira, com o intuito de compreender os aspectos discursivos e ideológicos, passa-se ao enunciado contido no vídeo da jornalista Rachel Sheherazade, no canal da Tambaú (00min. 08seg):

SD1: Ontem foi quarta-feira de fogo e eu não vejo a hora de chegar Quarta-feira de Cinzas? Não, não é que eu seja inimiga do Carnaval. Até já brinquei muito em clubes, nos blocos, nas prévias. Fui até Olinda em plena terça-feira de Carnaval, portanto, vou falar com conhecimento de causa e revelar algumas verdades que encontrei por trás da fantasia do Carnaval (TV Tambaú, 2011).

O vídeo que contém o enunciado da SD1 teve grande repercussão nas televisões de rede nacional e nas redes sociais, tendo alcance internacional. A jornalista inicia sua fala com um tom discursivo sarcástico e franco, criticando o comportamento da sociedade em relação às comemorações do Carnaval. Nesse posicionamento conservador, ela afirma, ao longo do vídeo, que a sociedade está vivendo em uma bolha social, uma vez que a sociedade vê uma festa como o Carnaval como uma manifestação folclórica cultural cujo objetivo é movimentar a sociedade e os comércios locais. De início, Rachel Sheherazade, ao enunciar “ontem foi quarta-feira de fogo e eu não vejo a hora de chegar Quarta-feira de Cinzas”, faz referência a duas datas. A primeira relaciona-se com a segunda a partir de um jogo semântico que aponta para dois acontecimentos históricos: a) a folia de Carnaval, representado pelo sintagma “fogo” e; b) a data que marca o encerramento do Carnaval e o início da Quaresma em diversos locais de tradição religiosa cristã, simbolizado pelo sintagma “Cinzas”.

Desse jogo semântico, traçam-se dois efeitos de franqueza atrelados ao enunciado supracitado. O primeiro tem a ver com o temporizador “ontem foi” o qual designa um tempo passado de um acontecimento recente, marcando uma cenografia através das dêixis “ontem” e o “hoje”, o momento do enunciado, pressuposto no sintagma adverbial anteriormente mencionado, o qual “define as coordenadas espaço-temporais implicadas *nesse* ato de enunciação” (Maingueneau, 1997, p. 41, grifo nosso). O aqui, estúdio da TV Tambaú, e o agora, Quarta-feira de Cinzas, as condições de emergência na qual o discurso da jornalista está inserido e se apresentam como materialidades incontestáveis. O segundo efeito de verdade não está funcionando no dito, mas em uma interdiscursividade que traz a posição ideológica e historicamente marcada daqueles sujeitos que sempre criticaram os gastos excessivos com o Carnaval. Assim, a cena enunciativa a qual Rachel Sheherazade se aloca é configurada por uma formação imaginária (Pêcheux, 1997), por uma projeção histórica na qual não se pode conceber outra coisa senão a crítica ao Carnaval. Na alteridade, o ethos discursivo da apresentadora se completa pelo efeito de franqueza e um efeito de intelectualidade ao demonstrar aptidão para jogos semânticos, engendrados nos sintagmas “fogo” e “cinzas”, fazendo alusão biológica e cronológica pelo simbolismo da euforia do carnaval.

Desse ponto, estabelece, por meio da interdiscursividade, o ethos discursivo de Rachel, o qual é regulado por um conservadorismo religioso no qual se torna inimigo do Carnaval, e uma postura política, a qual imprime em sua imagem, a responsabilidade de um sujeito fiscalizador, ético e capaz de perceber aquilo que os demais não podem. Essa projeção se perfaz não só pelo que é dito de si, mas também o que revelava “pelo próprio modo de se *expressar*” (Maingueneau, 1997, p. 45, grifo nosso). De outro modo, diante desses dados, é possível perceber o quanto a sociedade, encarnada na formação ideológica que é a favor do Carnaval, dá visibilidade a esse período festivo, de forma que se cria uma materialização de algo que seja acessível a todos de maneira igualitária. A partir dessa ideia pode-se analisar qual o ethos discursivo de Rachel e qual a imagem social apresentada aos seus telespectadores, isto é, um sujeito em oposição ao Carnaval. Seu discurso, no início do jornal, demonstra, mesmo que de forma bem-humorada, a sua insatisfação com a festividade mencionada.

De acordo com Pêcheux (2011, apud Soares, 2018b), o discurso é o principal meio de alienação e, a depender da posição que orador toma em seu discurso, o ouvinte fica mais próximo de sua posição através dos efeitos de franqueza. Estes, por sua vez, causam a aceitabilidade discursiva (Boucher; Soares, 2022). Nesse caso, ao enunciar “Não, não é

que eu seja inimiga do Carnaval. Até já brinquei muito em clubes, nos blocos, nas prévias. Fui até Olinda em plena terça-feira de Carnaval”, momentaneamente, Rachel Sheherazade inverte sua posição de contrária ao Carnaval para reproduzir a legitimidade e autoridade (Charaudeau, 2016) necessária para consolidar dada aceitabilidade. O sintagma “não é que eu seja inimiga do Carnaval” denuncia o jogo de “antecipações das *representações do receptor*” (Pêcheux, 1997, p. 84, grifo do autor), ou seja, a imagem que o enunciador faz da imagem que o receptor faz desse enunciador, a saber, “inimiga do Carnaval”. Por isso, na aceitabilidade discursiva, segundo Boucher e Soares (2022, p. 126), “compreende-se que certos fatores são escrutinados pelo enunciador no momento da elaboração discursiva para que o enunciatário minimamente recepcione aquilo que está sendo exposto”.

No caso da apresentadora Rachel, o fato dela ter brincado “muito em clubes, nos blocos, nas prévias” e ter ido “até Olinda em plena terça-feira de Carnaval” (TV Tambaú, 2011), aproxima a jornalista do telespectador que aprova a mencionada festividade, alocando-a na posição de um sujeito folião que tem legitimidade para afirmar o que diz. Essa legitimidade se concretiza no enunciado, “portanto, vou falar com conhecimento de causa e revelar algumas verdades que encontrei por trás da fantasia do Carnaval”. No sintagma “conhecimento de causa”, a enunciadora pontua sua experiência fortalecendo seu ethos discursivo, o qual projeta não uma jornalista que fala de algo distante, mas a imagem de uma foliã de Carnaval que tem larga vivência e conhece o que acontece nos bastidores das festas. Por essa imagem projetada, a enunciadora também lança sua imagem de prestígio e de poder de influência quando afirma que tinha acesso a “clubes”, “blocos de prévias” e de “viagem” a lugares tradicionais como “Olinda”, já que todo esse leque de possibilidades fica mais difícil sem um poder econômico razoável.

A postura e a eficiência ao abordar os dados no vídeo são fatores determinantes para sua posição em relação ao tema noticiado na reportagem, ou seja, habilidades que usa visando persuadir o telespectador sobre o que está sendo dito. Esses comentários noticiosos são extremamente relevantes, uma vez que são amplamente divulgadas no mundo, o que pode originar uma aceitabilidade discursiva (Boucher; Soares, 2022). Dessa maneira, os ouvintes, ao escutarem essas afirmações, aceitam sem repulsar a imagem da jornalista, aquela que produz o dizer franco, sincero e extremamente carismático. Fecha-se o cerco argumentativo tanto aos telespectadores que detestam o Carnaval, o público que alinha à sua atual posição conservadora, quanto àqueles que adoram, mas que também

reconhecem alguma “dessas verdades” e que agora podem estar menos resistentes para aceitá-las, devido à lógica que se cria em torno de sua argumentação.

Dessas considerações entende-se a relevância das condições de produção e de emergência para a produção dos sentidos dos enunciados e, por conseguinte das projeções que sustentam as ditas “verdades midiáticas”. Segundo Pêcheux (1997), as condições de produção denotam um conjunto de elementos sociais, históricos e discursivos que motivam a circulação. O discurso não é um ato individual e isolado, mas é influenciado pelas condições em que é criado, ou seja, pelas circunstâncias em que é produzido e pelo processo de produção. Nesse sentido, as condições de produção são fatores determinantes que afetam as relações de poder, assim como as ideológicas e as instituições sociais, pois têm determinação sobre o discurso. Esses elementos têm um impacto significativo no discurso, alterando o seu conteúdo, sua forma e possíveis interpretações, ou seja, “um discurso é sempre pronunciado a partir da condição de produção dada” (Pêcheux, 1997, p.77).

Com esses aspectos considerados no horizonte dessa análise, os efeitos de franqueza traçados pelo sujeito enunciator Rachel Sheherazade pretendem, por meio de fatos e dados reais, convencer os seus telespectadores a analisar e perceber o que, segundo sua percepção, seu recorte cenográfico, acontece durante esse período de festividade. Ao enfatizar que o Carnaval tem suas fantasias, a jornalista dá ênfase de que nem tudo o que é dito em panfletos e propagandas nas televisões é verdade. Há novamente o jogo semântico em que a polissemia e os processos parafrásticos (Soares, 2018b) entram na cenografia constituída pela jornalista, fortalecendo, por esses processos, sua opinião sobre o Carnaval, a partir do sintagma “fantasia”, no trecho “algumas verdades que encontrei por trás da fantasia do Carnaval”.

A lógica reproduzida por esse deslocamento semântico, ou melhor, por esse jogo semântico, capitaneado por uma figura estilística (figura fônica), consiste em bifurcar o sentido do elemento linguístico “fantasia”. Por trás de uma fantasia de Carnaval, de uma vestimenta alegórica? Ou por trás do Carnaval que não passa de uma fantasia, de uma ilusão? Os dois efeitos de sentidos convergem para um valor de verdade (Charaudeau, 2013) incontestável na materialidade fônica da Jornalista Sheherazade, a saber, o fato dos sujeitos que brincam o Carnaval estarem por trás de uma cobertura que vela os rostos ou o corpo. Jogando com o real e com o simbólico, o enunciator traz, a partir dos efeitos de franqueza, a crença de que a festividade esconde também verdades as quais devem ser reveladas. Por essa razão, em seu ethos discursivo, projeta-se a mulher com o dever de

“revelar verdades que ela por si só encontrou”. Ao analisar o ethos discursivo da jornalista, pode ser verificado, por meio de outro fragmento na fala da apresentadora, (1min.44seg.):

SD2: Eu fico indignada quando vejo a quantidade de ambulâncias disponibilizadas num desfile de Carnaval para atender aos bêbados de plantão e valentões que se metem em brigas e quebra-quebra. Onde estão essas mesmas ambulâncias quando uma mãe precisa socorrer um filho doente, quando um trabalhador está infartando, quando um idoso no interior, precisa de deslocar-se para submeter a um exame (TV Tambaú, 2011).

A jornalista, neste trecho, faz trabalhar as memórias (Achard, 2015), emergindo na exterioridade histórica sobre o descaso político-social e os gastos públicos com festas. Em tom de denúncias, o discurso da jornalista está direcionado ao direito da população no seu dia a dia e não em um evento de cinco dias. Seus ethos discursivos, por meio do sintagma “indignada”, reverbera os sentidos de revolta, a qual tenta aproximar do sentimento da “mãe que precisa socorrer seu filho doente” e percebe que a saúde não tem tanta visibilidade quanto uma festa nacional, como o Carnaval. Nesse trecho, sua posição se alinha novamente àqueles que veem o Carnaval como um gasto supérfluo, reforçando seu sentimento de repulsa com a expressão “Eu fico indignada quando vejo [...]”. Já o trecho “a quantidade de ambulâncias disponibilizadas num desfile de Carnaval para atender aos bêbados de plantão e valentões que se metem em brigas e quebra-quebra” traça seu ethos discursivo como um sujeito da administração que racionaliza os gastos públicos. Mais uma vez, a interdiscursividade traz as memórias do descaso com o gasto dos recursos públicos.

Para além da memória coletiva, ou melhor, das formações discursivas, percebe-se a regularidade do ethos discursivos em vários vídeos de Rachel Sheherazade nos quais os acontecimentos históricos servem como âncora para sustentar sua lógica argumentativa. Ao longo de sua carreira, a memória da indignação conservadora faz parte do recobrimento de seu ethos discursivo. Um exemplo disso é outro vídeo intitulado “Rachel fala sobre beijo gay em culto de Feliciano”, já como apresentadora do Canal SBT News (SBT News, 2013), no qual a jornalista reproduz novamente a lógica da franqueza e da liberdade de expressão, trazendo citações da bíblia, entrelaçando-as com momentos históricos e suas opiniões acerca do relacionamento homoafetivo. Em vários outros vídeos, o ethos enunciativo pauta-se na projeção de uma postura formal, com larga experiência profissional e consciência dos acontecimentos históricos.

Sobre as projeções e imagens construídas pelos discursos, Maingueneau (2004) sustenta que o ethos discursivo está relacionado ao ato de enunciar do sujeito e é criado antes mesmo dele se comunicar, tendo em vista as relações com os outros enunciadores, bem como suas formações históricas, sociais e culturais. Isso explica o porquê Rachel Sheherazade, que é a apresentadora do jornal, tem como principal objetivo mostrar o recorte da realidade do que é visto na sociedade, fazendo uma crítica social a determinados temas da vida diária ao se voltar para as memórias da humanidade e de seus problemas sociais. A cenografia instituída pela enunciativa provoca aceitabilidade discursiva pelo forte apelo social de negligência à saúde, fato este que a maioria concordar em disponibilizar ambulâncias antes para “uma mãe que precisa socorrer um filho doente” do que para “bêbados de plantão e valentões que se metem em brigas e quebra-quebra”.

Esta lógica provoca efeitos de franqueza que silencia constitutivamente (Orlandi, 2007) outro fato constitucional contido no Art. 5º da CF de 1988, a saber, a realidade de que “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade” (Brasil, 2003, p. 15). Assim, esse acontecimento amplamente difundido no Brasil é completamente apagado no discurso de Sheherazade pelo efeito do bom senso com o gasto público. Assim, a construção do seu ethos se dá através da enunciação, das imagens apresentadas no vídeo, da interpretação dos dados e do tom discursivo que imprime em seus dizeres ao citar um determinado órgão público ou privado específico.

A partir dos efeitos de franqueza, Rachel Sheherazade mantém a sua imagem de “comunicadora da verdade”, porquanto, em seu recorte da realidade, consegue apresentar aspectos sociais conforme o que a sociedade compartilha, ou seja, as memórias do descaso político, as quais direcionam o público a uma aceitabilidade de seu posicionamento. Nesse sentido, o espectador deve, dessa forma, se concentrar na enunciação da reportagem, de modo a se sentir mais próximo e representado pela voz da jornalista. O objetivo é demonstrar ao ouvinte que aquela mensagem é verdadeira por parecer um dizer franco, sincero. Para isso, a jornalista utilizou a descrição de uma cenografia que abrange uma grande parte da sociedade, a questão da desigualdade social. Ao usar esse discurso, ela tenta convencê-los, que os fatos apresentados têm credibilidade, levando a construção da reportagem a se mover para uma posição em que suas palavras façam sentido para os telespectadores que apoiam o Carnaval.

Diante dos fatos apresentados, percebe-se que os efeitos da franqueza são construídos a partir do percurso de produção do enunciador e dos recortes coletados. Dessa forma, a jornalista Rachel Sheherazade cria o seu ethos discursivo através da comunicação e da enunciação, usando a cenografia e a oralidade (Maingueneau, 1997). É na interdiscursividade que o jogo simbólico faz funcionar os efeitos de franqueza. Acontecimentos sociais, material e historicamente, marcados nas memórias coletivas se atualizam nos enunciados da apresentadora, arrastando para o campo intradiscursivo toda uma significação que sustenta o que é dito. Assim, ao dizer que não é “inimiga do Carnaval” e que tem “conhecimento de causa”, a enunciativa apaga outros acontecimentos os quais poderiam instalar a imagem de alguém distante que não está legitimada, nem autorizada (Charaudeau, 2016) a falar dessa festividade com propriedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O campo jornalístico midiático, enquanto campo discursivo destinado a informar e a entreter o seu público sobre determinado tema, pode ser analisado sob a perspectiva da Análise do Discurso, incluindo outra função midiática, a saber, persuadir e subjetivar sujeitos, a partir de ressignificações de acontecimentos. Na análise em pauta, utilizaram-se várias noções fundamentais e, mais especificamente, os conceitos do ethos discursivo e dos efeitos de verdade (Charaudeau, 2011, 2013, 2016) para analisar o discurso da jornalista Rachel Sheherazade em um vídeo reproduzido do *YouTube* no qual a temática é o Carnaval. Os pressupostos teórico-metodológicos foram empregados de forma a se perceber como são configuradas as Sequências Discursivas do discurso da apresentadora em foco. O ethos é percebido conforme a oralidade e postura da jornalista. Sua imagem social é definida por meio da sua oralidade e do que se diz sobre outro. O tópico em discussão parte da interdiscursividade (Pêcheux, 1997) e é de conhecimento geral da sociedade, porquanto seus dizeres são pautados em memórias, as quais carregam consigo os efeitos de franqueza consolidados na cenografia midiática.

De acordo com esse espaço cenográfico no qual o discurso foi construído, é possível ver que a imagem social de si marca uma proximidade com o seu público engajado em suas manifestações e identificação ideológica, na qual a produção de sentido é alterada segundo as posições sustentadas. Sobre essas posições, foi possível constatar o

alinhamento aos sujeitos que repudiam as festas do Carnaval, mas com uma interseção ideológica voltada aos sujeitos que defendem o Carnaval, por posicionar-se como um sujeito com legitimidade, autoridade e potência (Charaudeau, 2016), isto é, com a imagem de que tem um lugar de fala, sabe o que diz, por que diz com franqueza acerca da festividade em questão. Por fim, a enunciadora apresenta a reportagem, traçando efeitos de clareza e objetividade ao fazer emergir as memórias do descaso político-social. que, em seu discurso, é baseado na cenografia (Maingueneau, 1997) que envolve o Carnaval. O seu efeito de franqueza é consolidado e dialoga com fatos da realidade social de seus telespectadores, projetando sua imagem como alguém que, metaforicamente, “abre os olhos da sociedade” para enxergar uma verdade aparentemente incontestável. A crítica (de forma velada pela universalidade de seu enunciado) se pauta no discurso de oposição governista contra os gastos com festividades.

Após essas considerações analíticas, foi possível perceber o potencial heurístico da Análise do Discurso para o letramento digital ou midiático, sobretudo os estudos acerca do ethos discursivo e da cenografia enunciativa. Nesse estudo, compreendeu-se que a interpretação dos discursos midiáticos pode ter uma relação menos ingênua se essa for pautada por instrumentos analíticos já consolidados no campo discursivo. Por essa razão, corrobora-se com Soares (no prelo) ao afirmar que:

Diante das demandas cada vez mais urgentes de reformulação de expedientes práticos e teóricos capazes de mobilizar os dispositivos existentes na atuação do ensino contemporâneo, o letramento, como instrumentalizador de semioses constituintes do tecido social, pode e deve ser convocado a desempenhar um papel ativo na construção de leituras dos artifícios midiáticos (Soares, no prelo, p. 2).

É através dessa construção da leitura dos artifícios midiáticos que o sujeito leitor ou telespectador pode perceber, por exemplo, que os efeitos de franqueza, fabricados pelos telejornais, são amparados não pelo dito na atualidade, mas por uma historicidade das instituições. De outro modo, a história do jornalismo, por muito tempo, colocou em manutenção as formações imaginárias que projetam os dizeres midiáticos como uma verdade positiva, ou seja, naturalmente incontestável e que só pode ser refutada através dessa leitura verticalizada, a qual também pode ser inserida na melhoria para uma educação midiática. Segundo Soares e Boucher (2020, p. 2) “a leitura não pode se restringir ao texto em suas modalidades escrita e falada, no entanto, é a partir dele que se torna viável depreender os principais elementos envolvidos na compreensão e apreciação do ato de ler”. Dessa forma, a continuidade desses estudos sobre o letramento midiático

pode permitir um avanço na percepção de que os discursos se prologam na historicidade; que a formação discursiva de uma jornalista de sucesso (Soares, 2018a), como exemplo, Rachel Sheherazade, determina seu dizer (Pêcheux, 1997); tem força discursiva para potencializar sua argumentação ao ponto de o telespectador confundir seus efeitos de franqueza como se fosse a própria realidade.

REFERÊNCIAS

ACHARD, Pierre. Memória e produção discursiva do sentido. In : ACHARD, Pierre; Davallon, Jean; DURAND, Jean-Louis; PÊCHEUX, Michel; ORLANDI, Eni P. *Papel da memória*. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi. 4ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015. p. 7-63.

ARAÚJO, Eliany Alvarenga de. Informação, cidadania e sociedade no Brasil. *Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v.2, n. 1, 1992. p. 42-49. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/43>. Acesso em: 19 jan. 2024.

BOUCHER, Damião Francisco; SOARES, Thiago Barbosa. Ressignificação da pandemia: aceitabilidade no discurso midiático. *Revista DisSol - Discurso, Sociedade e Linguagem*, n. 15, 2022. Disponível em: <http://ojs.univas.edu.br/index.php/revistadissol/article/view/920>. Acesso em: 19 jan. 2023.

BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil*: Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nº. 1/92 a 39/2002 e pelas Emendas Constitucionais de Revisão nº 1 a 6/94. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2003.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso político*. Tradução Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. Tradução Ângela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2013.

CHARAUDEAU, Patrick. *A conquista da opinião Pública*: como o discurso manipula as escolhas políticas. Tradução Ângela M. S. Corrêa, SP: Contexto, 2016.

COURTINE, Jean-Jacques. *A análise do discurso político*: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2014.

LIVINGSTONE, Sônia. *Media Literacy and the challenge of new information and communication Technologies*. London: LSE Research Online, 2004.

ENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*; trad. Freda Indursky. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 3 ed., 1997.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. Tradução Cecília P. Souza e Silva, Décio Rocha. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênesis dos discursos*; Tradução Sírio Possenti. – São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *As formas do Silêncio*: no movimento dos sentidos. 6ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise de Discurso*: princípios e procedimentos. 12ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, François; HAK, Tony (Orgs). *Por uma análise automática do discurso*: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradutores Bethania S. Mariani... [et al.]. 3ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997. p. 61-153.

PÊCHEUX, Michel. [1971]. Língua, linguagem, discurso. In: PIOVEZANI, Carlos; SARGENTINI, Vanice. (orgs.). *Legados de Michel Pêcheux*: inéditos em análise do discurso. São Paulo: Contexto, 2011.

RIOS, Aline; BRONOSKY, Marcelo. Violência contra jornalistas ameaça à sociedade. *Mosaico*, rio de janeiro, v. 11., n. 17, 2020. p. 86-103. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/mosaico/article/view/81064>. Acesso em: 19 jan. 2024.

SBT NEWS. Rachel fala sobre beijo gay em culto de Feliciano. *YouTube*, 2013 Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=dK_jNKJDipc. Acesso em: 20 jan. 2024.

SOARES, Thiago Barbosa. Sucesso: discurso contemporâneos de capitalização dos sujeitos. In: SOARES, Thiago Barbosa (org.) *Múltiplas perspectivas em análise do discurso*: objetos variados. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2018a.

SOARES, Thiago Barbosa. *Percurso linguístico*: Conceitos, críticas e apontamentos. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018b.

SOARES, Thiago Barbosa; BOUCHER, Damião Francisco. Leitura de sucesso: os dizeres sobre a leitura como efeito de sucesso. *REVELLI* (Dossiê: Leitura: um tema a muitas mãos), vol. 12, 2020. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/revelli/article/view/10268>. Acesso em: 07 maio 2022.

SOARES, Thiago Barbosa. *Percurso Discursivo*: heterogeneidades epistemológicas aplicadas, Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.

SOARES, Thiago Barbosa. Imaginary formation and discursive ethos: a symbiotic relationship in Discourse Analysis. *Palimpsesto* - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ, [S. l.], v. 22, n. 43, 2023. p. 43–59. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/palimpsesto/article/view/76917>. Acesso em: 16 jan. 2024.

SOARES, Thiago Barbosa. Mídia e letramento: articulações de saberes (re)produzidos em filme e séries. *Muitas Vozes*, no prelo.

TV TAMBAÚ. Rachel Sheherazade faz comentário sobre o Carnaval. *YouTube*, 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oLmFQxsMbN4>. Acesso em: 20 jan. 2024.

Recebido em: 30/03/2024

Aceito em: 04/10/2024

Aldenizia Moreira Guimaraes Lira: Graduada em Letras pela Universidade Federal do Tocantins (UFT).

Damião Francisco Boucher: possui graduação em Letras, Português/Inglês e suas respectivas literaturas pela Universidade Federal do Tocantins - UFT; Especialização em Análise do Discurso Político e Jurídico e Psicologia Analítica Junguiana - Perspectiva Multidisciplinar, ambas pela Faculdade Unyleya (FU), Rio de Janeiro; mestrado em Letras pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), campus de Porto Nacional e; colaborador do projeto de pesquisa intitulado O sucesso midiático como ponte para o sucesso político sob o número de registro 3536 junto à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação da UFT, com o objetivo de descrever e interpretar as diversas manifestações discursivas na interseção do campo político com o midiático. É professor substituto da UFT e membro do Corpo Editorial do Grupo de Estudos de Análise do Discurso (GESTADI), Palmas, Tocantins.

Thiago Barbosa Soares: possui graduação em Letras, português/inglês, pela Universidade do Vale do Sapucaí (2009), em Psicologia pela Universidade Paulista (2014), em Filosofia pela Universidade de Franca (2014) e em Ciências Humanas pela Universidade Estácio de Sá (2023), especialização em Estudos Literários pela Faculdade Comunitária de Campinas (2013), mestrado em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (2015) e doutorado em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (2018). É líder do Grupo de Estudo de Análise do Discurso (GEstADI - UFT) e membro pesquisador do Grupo de Estudos em Análise do discurso e História das ideias linguísticas

(VOX - UFSCar). É editor-chefe das revistas *Porto das Letras* (ISSN - 2448-0819), vinculada ao programa de pós-graduação em Letras da UFT, *Acta Semiótica et Lingvistica* (ISSN - 2446-7006), fundada na USP de São Paulo, em 1977, e da revista do Grupo de Estudo de Análise do Discurso, GEsTADI, (ISSN - 2965-4440). Atua como professor nos cursos de graduação em Letras e de pós-graduação stricto sensu em Letras da Universidade Federal do Tocantins no campus de Porto Nacional. Coordenou o Programa de Pós-Graduação stricto sensu em Letras (PPGLetras) da Universidade Federal do Tocantins (UFT) de janeiro de 2022 a janeiro de 2023. Atualmente é vice-coordenador do Programa de Pós-Graduação stricto sensu em Letras (PPGLetras) da Universidade Federal do Tocantins (UFT). É pesquisador bolsista de produtividade do CNPq (PQ-2), com experiência de pesquisa na área de Linguística, com ênfase em Análise do Discurso. atuando principalmente nos seguintes temas: mídia, sucesso, teoria e análise do texto.